

Revista da Graduação

Vol. 4

No. 1

2011

19

Seção: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Título: Construindo Fanzines: reconhecendo os lugares dos alunos por meio da produção de textos e de imagens. Estudo de caso E.E.E.F. WALT DISNEY - Viamão/RS

Autor: Fábio Poletto Franco

Este trabalho está publicado na Revista da Graduação.

ISSN 1983-1374

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8688/6138>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA

FÁBIO POLETTO FRANCO

**CONSTRUINDO FANZINES: RECONHECENDO OS LUGARES DOS
ALUNOS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS E DE IMAGENS.
ESTUDO DE CASO E.E.E.F. WALT DISNEY – VIAMÃO/RS**

Porto Alegre
Dezembro de 2010

FÁBIO POLETTO FRANCO

**CONSTRUINDO FANZINES: RECONHECENDO OS LUGARES DOS
ALUNOS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS E DE IMAGENS.
ESTUDO DE CASO E.E.E.F. WALT DISNEY – VIAMÃO/RS.**

Trabalho de Pesquisa apresentado à
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Curso de Geografia como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel em
Geografia, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roselane Zordan
Costella

Co-orientadora: Prof^a. Me. Tânia Rodrigues
Ferrer

Porto Alegre

2010

FÁBIO POLETTO FRANCO

**CONSTRUINDO FANZINES: RECONHECENDO OS LUGARES DOS
ALUNOS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS E DE IMAGENS.
ESTUDO DE CASO E.E.E.F. WALT DISNEY – VIAMÃO/RS.**

Trabalho de Pesquisa apresentado à
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Curso de Geografia como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel em
Geografia, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roselane Zordan Costella – PUCRS

Examinador

Examinador

Dedico esse trabalho à sociedade, afinal é a ela que devemos servir. Mas também a todos que me incentivaram ou ajudaram de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Especialmente a minha orientadora, professora Roselane, que sempre motivou os seus alunos a serem pesquisadores, professores e também apaixonados pelo que fazem e pela geografia.

E a todos, que cruzaram o meu caminho e que de uma maneira ou de outra fazem parte do que sou hoje enquanto sujeito.

AQUARELA

“Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo...
[...]

Entre as nuvens
Vem surgindo um lindo
Avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar...
Basta imaginar e ele está
Partindo, sereno e lindo
Se a gente quiser
Ele vai pousar...
[...]

De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo...
[...]

O futuro está...
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda a nossa vida
E depois convida
A rir ou chorar...

Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela
Que um dia enfim
Descolorirá...[...].”

Toquinho, Vinicius de Moraes,
G. Morra e M. Fabrizio

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Escola Walt Disney	14
Figura 2 - O Fim da Escola?.....	42
Figura 3 - O Professor Fábio de Geografia	45
Figura 4 - Esporte é Saúde	48
Figura 5 - Questionário.....	50
Figura 6 - Perigo até a Escola.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O QUE QUEREMOS E PORQUÊ DE NOSSAS INQUIETAÇÕES	9
2 A ESCOLA WALT DISNEY	13
2.1 A ESCOLA COMO PONTO DE PARTIDA	13
2.2 O LUGAR ESCOLA WALT DISNEY.....	14
2.3 O NÃO-LUGAR: LUGAR SEM IDENTIDADE?.....	18
3 FANZINE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL PELO FAZER DA ARTE.....	20
3.1 FANZINE: O QUE É E QUAL A SUA UTILIDADE PARA A NOSSA PESQUISA .	20
3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	23
3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO E FANZINE: DA PERCEPÇÃO À REPRESENTAÇÃO.	25
4 NÓS TAMBÉM PODEMOS APREENDER COM OS ALUNOS	27
4.1 O FANZINE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO: IMAGENS E TEXTOS PODEM VALER MAIS DO QUE PALAVRAS.....	27
4.2 SOBRE A NOSSA LEITURA DO FANZINE	31
5 LENDO AS ENTRELINHAS DO FANZINE: DAS PALAVRAS DOS ALUNOS, AS NOSSAS.....	36
5.1 AS NOSSAS IMPRESSÕES INICIAIS E OS ASSUNTOS DO FANZINE	36
5.2 O LUGAR EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	39
5.2.1 Escola Walt Disney: O Lugar do Compromisso?	41
5.2.2 Escola Walt Disney: O Lugar de Aprender?	44
5.2.3 Escola Walt Disney: O Lugar de Segurança e de Relações Interpessoais?....	47
5.2.4 O lugar Escola Walt Disney vai além de seus muros.....	51

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXO A - Capa e Contra-capa do Fanzine.....	61
ANEXO B - Páginas 1 e 2 do Fanzine	62
ANEXO C - Páginas 3 e 4 do Fanzine	63
ANEXO D - Páginas 4 e 5 do Fanzine	64
ANEXO E - Páginas 6 e 7 do Fanzine.....	65
ANEXO F - Páginas 8 e 9 do Fanzine.....	66

1 INTRODUÇÃO: O QUE QUEREMOS E PORQUÊ DE NOSSAS INQUIETAÇÕES

“Hay manos capaces de fabricar herramientas Con las que se hacen máquinas para hacer ordenadores Que a su vez diseñan máquinas que hacen herramientas Para que las use la mano”.

Jorge Drexler

As frases anteriormente expostas são trechos da música Mi guitarra e voz, de Jorge Drexler, músico uruguaio. Trazem-nos a ideia de que, por mais que haja tecnologia e que ela evolua, seus fins são a criação de condições para que facilitem o trabalho humano. Portanto, a técnica não adquire sentido em si mesma, mas sim quando a utilizamos e ao receber significados por meio de nossas intenções. A tecnologia auxilia, mas não suprime ações e intenções humanas. Ou seja, podemos modificar o curso de um rio utilizando técnicas modernas de engenharia (que também são criadas pelo trabalho humano), mas as tensões que se estabelecerão no campo social não podem ser quantificadas e nem tratadas como dados e números. Isso porque estão envolvidos sujeitos, dotados de intenções, interesses, sentimentos; lugares, paisagens, territórios, espaços vividos aparecem como conceitos indissociáveis à vida humana e a qualquer dinâmica social ao ser tomada como fato de pesquisa.

Iniciamos nossas primeiras palavras destacando a importância de se pensar a técnica como um meio para atingirmos um fim. De forma semelhante acreditamos que as nossas ações e intenções, enquanto cientistas sócio-espaciais, devem estar de acordo e utilizarem a teoria, não a deixando vazia de significados práticos para o

pesquisador. A teoria nos servirá como um recurso (intelectual) para atingirmos um fim: compreender, desvendar o real.

Ao utilizarmos uma teoria para explicar o real, talvez tenhamos atingido um nível satisfatório na teorização de nossa ciência, a geografia. Observar a teoria na prática, no cotidiano deve ser um dos objetivos dos trabalhos dos geógrafos.

Desse contexto nasce o nosso interesse e inquietude em reconhecer as relações entre aluno e espaço-escola estabelecidas no seu cotidiano. Temos a intenção de identificar e analisar as representações que os próprios alunos fazem de sua escola, gerando possibilidades de compreendermos melhor os processos de apropriação sócio-espaciais. Portanto o problema dessa pesquisa está centrada na seguinte questão - Construindo fanzines: reconhecendo o espaço dos alunos através da produção de textos e imagens. Estudo de caso E.E.E.F. Walt Disney – Viamão/RS.

Destacamos inicialmente que é fato comum nas manchetes de jornais e telejornais noticiários tratando de assuntos ligados à educação e aos seus problemas. Podem ser diversos temas, como desde a má qualidade da escola pública, caso mais abrangente, até percalços pelos quais professores e alunos passam em seu convívio escolar, nesse caso mais específico, em menor escala, embora possa haver relação direta com a estrutura escolar geral. Também é sabido que a escola passa por um momento sensível, verificado nas atitudes por vezes agressivas estabelecidas entre professores e alunos.

Para quem convive diariamente em ambientes escolares é comum ouvir reclamações do quanto pode ser estressante a atividade profissional, seja por parte de professores, da equipe diretiva ou de funcionários em geral. Embora saibamos que o espaço geográfico é tenso, as salas de aulas têm se tornado cada vez mais conflitantes.

As motivações desse trabalho têm sido a vivência do ambiente escolar no último ano, os fracassos na mediação dos desentendimentos e das relações entre professores e alunos e a perda de qualidade nas aulas em contraste com o tempo perdido para construir atitudes mais respeitosas e harmoniosas, embora atitudes e procedimentos também sejam objetivos da educação formal.

Por parte dos alunos, a imagem construída da escola também não parece ser positiva. É recorrente a reclamação dos alunos quanto às aulas pouco interessantes, à desmotivação, tornando as instituições de ensino pouco atrativas e dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto os problemas não são somente a qualidade das aulas, mas também a dificuldade da instituição escola em gerenciar conflitos. Ou seja, as territorialidades estabelecidas por parte dos alunos parecem que sobrepõe-se àquelas que deveriam prevalecer enquanto escola. Fato que se converte em conflitos diários e que expressam-se normalmente nos embates entre professores e alunos nas salas de aula.

Nessa perspectiva de análise, é desse contexto atual que a proposta dessa pesquisa ganha sentido de existir. Trata-se de uma investigação a respeito da relação aluno-escola, fundamental para o cumprimento de sua função educadora. Assim, nossa pesquisa desenvolveu-se na busca por reconhecer o espaço dos alunos através da produção de textos e imagens. Para isso utilizamos a produção de fanzines e tomamos como referência o estudo de caso da E.E.E.F. Walt Disney – Viamão/RS.

Como caminho a ser traçado nos apoiamos em três momentos principais: analisar o espaço geográfico escola enquanto lugar do cotidiano; contextualizar a representação social como atribuição de sentidos aos espaços e; analisar as representações sociais por meio do fanzine para reconhecermos os lugares dos alunos.

Nessas três etapas destacamos como aspecto fundamental em cada uma delas, em primeiro momento, o embasamento teórico que possibilitasse uma compreensão dos conceitos que fundamentaram a abordagem da realidade. No segundo momento estivemos concentradas nas ações práticas, ao desenvolver e acompanhar o curso junto aos alunos, que transformaram-se em subsídios para as análises posteriores, já no último momento do trabalho. Nessa terceira etapa, utilizando a hermenêutica como método de pesquisa, interpretamos e analisamos o que foi evidenciado pela produção dos alunos.

2 A ESCOLA WALT DISNEY

2.1 A ESCOLA COMO PONTO DE PARTIDA

Entendemos a escola como um espaço de diálogo entre o conhecimento científico e formal e a sociedade. Relação essa que existe porque a escola, enquanto instituição tem uma função social, portanto deve estar vinculada à comunidade em geral. Dessa relação e em sintonia com as teorias e políticas educacionais, constrói-se e evidencia-se o seu papel de formar cidadãos ativos e conscientes de seus deveres e direitos. Mais especificamente, abordaremos uma escola em especial, animada pelas ações de seus alunos e partindo de suas percepções e representações.

Pedagogicamente, para atingir seus fins, os professores utilizam uma série de pressupostos teóricos. Entre tantos aspectos relevantes para a construção de uma prática educativa efetiva, ressaltamos um: o local, o próximo (espacial ou simbolicamente) que, além de ser sempre considerado, também deve ser tomado como ponto de partida (BECKER, 2008). Por isso utilizaremos o lugar como principal categoria de análise no primeiro momento de nossa pesquisa.

Farão parte de nossas avaliações as qualidades das relações alunos-escola. Como os alunos percebem e inserem-se no espaço escolar nos parece ser o

caminho para compreendê-los – os alunos, a escola e os processos que os articulam.

2.2 O LUGAR ESCOLA WALT DISNEY

A escola Walt Disney, objeto de estudo de nosso trabalho, localiza-se em Viamão, município vizinho de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, conforme Figura 1 a seguir.

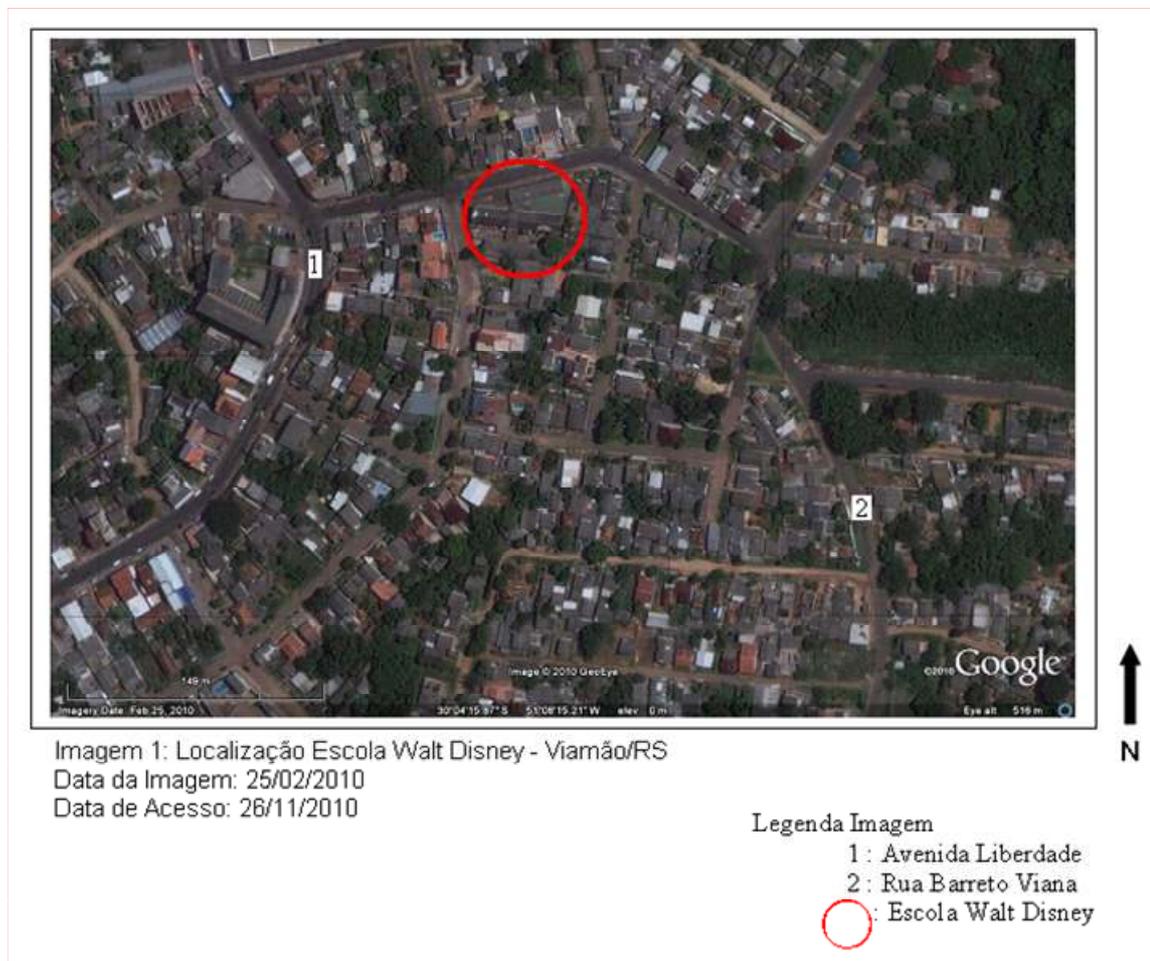


Figura 1 - Localização da Escola Walt Disney

Fonte: <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&tab=wl>>, 2010.

Seus alunos são principalmente do bairro Medianeira, endereço da escola; alguns não são moradores do próprio bairro, porém residem bem próximos. Nesse contexto a escola fisicamente parece ser bem presente, até porque ela situa-se bem próximo à avenida mais movimentada do bairro e da própria cidade de Viamão, chamada Av. Liberdade. Ele é uma das ligações entre a RS-40 e o eixo Protásio Alves/Caminho do Meio. Portanto o local em que está é movimentado mesmo em dias que não há aula, fazendo parte do cotidiano dos alunos que residem ou transitam nas imediações.

Portanto a escola talvez seja um lugar aos alunos, questionamento que tomaremos como objeto de estudo a partir desse trabalho. Então, qual é o sentido da palavra lugar na geografia?

Lugar, para a geografia, representa a primeira relação espacial e também referencial, tornando-se imprescindível nesse estudo interpretá-lo porque, segundo Pires, Aignes e Veiga (2006, p. 223), ele “[...] representa um princípio de identificações e de ações que passam a constituir o referencial territorial para o exercício das relações de poder”. Assim o lugar é uma relação afetiva dos sujeitos com o território do cotidiano e surge como aquilo que lhe dá segurança e é carregado de significado.

Para Augè o lugar tem pelo menos três sentidos: é Identitário - lugar de nascimento. Relacional: porque nossa experiência origina relações emocionais onde se vive. Por fim é Histórico: partindo da identidade e da relação, segundo Augè (1994, p. 52-53), “ele se define por uma estabilidade mínima”.

Devido a esses aspectos, principalmente o segundo e o terceiro, essa categoria de análise da geografia possibilita a quem a utiliza compreender as relações dos sujeitos com os espaços nos quais vivem cotidianamente. Assim, podemos concluir que para cada um de nós um mesmo lugar tem conotações diferentes, embora o que faça nos identificarmos possa ter aspectos em comum. Cremos que pode se afirmar isso porque nossas relações estabelecidas com os

lugares derivam de nossas subjetividades, dos diferentes modos de encarar e perceber a realidade, construindo, assim, diferentes histórias.

Talvez por isso o conceito de lugar seja tão capaz de demonstrar a dimensão da representação sócio-espacial para cada sujeito e grupo sociais. Ele permite, com o seu estudo, penetrar nas relações que se travam com os espaços habitados cotidianamente, possibilitando assim um entendimento mais apurado de determinados espaços e do próprio ser que o habita.

Ainda com Augé percebe-se a função tanto de estudo científico quanto de atribuição de sentido ao lugar:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica que não poderia dar conta somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem observa (AUGÉ, 1994, p. 51).

A vicissitude que o autor utiliza tem o sentido de mudança das coisas que se sucedem; alternativa, alternância. Também significa a instabilidade das coisas; a volubilidade, ou seja, o movimento inerente. Portanto o lugar é suscetível a mudanças devido à sua instabilidade.

Ainda sobre as ideias citadas anteriormente, ler o lugar significa ler o que há de mais particular na relação do ser humano com o planeta Terra. É desvendar as percepções, as intimidades, enfim, as emoções que a vivência estabeleceu. A fim de compreendermos o lugar enquanto construção social e enquanto via de estudo, devemos saber que

[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos (CARLOS, 2007, p. 22).

Assim, estudar o lugar parece nos dar subsídios para compreendermos relação dos alunos com a escola. Não serão as teorias e os livros por si só que nos oportunizarão leituras Geográficas, no entanto elas nos capacitarão a entendê-las. No campo e na busca pelos sentidos dados os lugares da escola, correlacionando e textualizando prática e teoria, é que as peculiaridades serão compreendidas.

Conforme Castrogiovanni (2004, p. 92), outro entendimento sobre o lugar é pensar nele “[...] como sendo a porção do espaço apropriável pela vida, que é vivido, reconhecido e cria/possui identidade”. Assim, entender o lugar dos alunos implica em buscar as identidades que permitem a apropriação dessa porção do espaço, e também o quê e porque se constroem essas identidades.

Mas o que são essas Identidades? Segundo Castrogiovanni:

Entendemos a identidade não como um conjunto de características, que permanecem fundamentalmente iguais durante todo o passar do tempo, independente das ações sociais e sim, como um processo de construção em que os Sujeitos atuam numa intertextualidade com outros e, outros Lugares vão (co)existindo, pois pela vida da sociedade, as confidências vão sendo descobertas. No entanto os sujeitos através da intertextualidade, constroem outras. O Lugar, resultado da criação dos sujeitos, estão intimamente ligado à identidade de cada um enquanto parte e, de todos, enquanto totalidade (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 265).

Parece ser identidade, apoiado-nos na idéia de algo que é construído, uma relação contínua e re-significada a todo instante, por isso de caráter processual. Na totalidade, no viver em um espaço geográfico, que é indissociável, contraditório e solidário (SANTOS, 2004), por isso rico e diverso em suas múltiplas expressões, os vários textos se inter-relacionam. Ou seja, pessoas e grupos co-habitam em um mesmo espaço, surgindo, assim, situações, condutas, comportamentos, aspirações em comum. São esses aspectos compartilhados que possibilitam a construção do algo em comum, das identidades.

Assim, retornando a idéia de Augè, que aponta como sentidos do lugar o identitário, o relacional e o histórico, podemos inferir que a cada porção dos espaços

habitados emergem tais atributos. Parecem ser identidades aquilo que há em comum ou afim nesses sentidos, compartilhados com aqueles que co-habitam certos lugares.

Pensamos, nesse momento, que lugar é essencialmente produto de uma relação afetiva, materializando-se ou não no espaço, relação essa estabelecida por identificações, entre os próprios sujeitos e entre os sujeitos e o espaço vivido cotidianamente. Portanto lugar e identidade parecem ser inseparáveis para construirmos nossas análises; segundo Castrogiovanni (2004, p. 92), “O Lugar, para existir enquanto totalidade necessita de identidade”.

Por tanto, se a escola não for princípio de Identidades, não gera sentimento de pertencimento. Em outras palavras podemos dizer que aquilo que não gostamos normalmente não nos importa.

2.3 O NÃO-LUGAR: LUGAR SEM IDENTIDADE?

Se determinados espaços geográficos são habitados, permitindo uma relação afetiva, seja negativa ou seja positiva, não-lugares são aqueles em que não se criam essas relações afetivas? Ou ainda podemos indagar sobre a falta de algo em comum, sobre existir algo afim entre aquele que vive e o espaço que se habita/transita?

Para Augè (1994, p. 74) “Os não-lugares [...] são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados ‘meios de transportes’ [...]”. Parece ser o não-lugar algo sem conteúdo afetivo e sem história; que nos remete àquilo que não recebe ações humanas mais íntimas, assim não permitindo um relacionamento, uma relação afetiva.

Quando passamos por certos espaços geográficos que não nos permitam ações mais diretas, não criamos vínculos, assim o lugar enquanto porção do espaço vivenciado no cotidiano não se constitui. Uma auto-estrada é produto da técnica e das ações humanas, no entanto a (rel)ação de quem simplesmente transita por ela é demasiadamente distante efetiva e afetivamente.

No entanto, ao tratarmos do espaço escolar vivido cotidianamente pelos alunos, a princípio, parece não haver a possibilidade dele configurar-se como não-lugar; estes devem receber atribuições, sejam positivas sejam negativas. Por isso o sentido do não-lugar parece ser outro nesse caso.

Para Augè (1994, p. 74) “O Não-lugar parece ser a simples negação do lugar. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro não ser completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”.

Não-lugar, se é a negação do lugar, configura-se como aquela relação que não se constrói efetivamente. Não se realiza, não conecta afetivamente aquele que vive com o espaço que é vivido. O não-lugar então poderia ser a ausência de atribuições e sentidos ou a própria negação do espaço em questão. Portanto a identidade, relação que articula e aproxima sujeito e lugar, pode não existir ou mesmo ser repulsa nessa relação.

Neste momento entendemos que não-lugar é um espaço não-dotado de significados àqueles que o vivenciam. Assim, não basta vivenciar para criar vínculos afetivos, mas compartilhar das representações espaciais, ser cúmplice do que cada lugar emana.

Nossas análises, no decorrer do texto, além de identificar os espaços da escola como lugares ou não-lugares, também objetivam descobrir possíveis condicionantes para que a instituição se configure como tais. Nesse sentido, devemos ter a clareza da subjetividade com as quais os espaços são apropriados e significados.

3 FANZINE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL PELO FAZER DA ARTE

3.1 FANZINE: O QUE É E QUAL A SUA UTILIDADE PARA A NOSSA PESQUISA

No capítulo anterior procuramos expor nossas interpretações acerca dos conceitos de identidade, lugar e de não-lugar. Argumentamos, é claro, sob o nosso entendimento, de maneira que muitas outras dimensões e compreensões existam.

A ideia da identidade como algo que lugariza, que nos liga a determinadas porções do espaço parece fazer sentido. lugar, ou não-lugar, e Identidades, então, são conceitos intimamente relacionados.

Neste momento nossa intenção será a de procurar estabelecer relações entre identidade-lugar e a representação social. E uma possível materialização espacial que evidencia essa relação é o fanzine. Nossa intenção não é a apreciação artística e crítica dos trabalhos artísticos, até porque não temos competência em fazê-la, mas a produção textual e de imagens enquanto expressão gráfica e artística como meio de representação social.

Segundo Guimarães, fanzines são as

[...] publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas,

enfim, tudo que o editor julgar interessante. Os fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. Fanzine é revista [...] (GUIMARÃES, 2000).

Portanto fanzine trata-se de uma espécie de revista alternativa, um veículo de comunicação amador e não estruturado comercialmente. Os temas são variados e são escolhidos em função da iniciativa de quem o cria, o que oferece uma autonomia. Sua expressão também é diversificada, podendo utilizar-se de imagens, textos, poesias, história em quadrinhos.

O contexto em que ganha mais visibilidade, embora date da década de 1930, nos remete à década de 1970 e demonstra o caráter excêntrico. Na época era utilizado como mídia alternativa, assim como o movimento musical ao qual estava inserido, o movimento Punk (SIQUEIRA, 2000). Segundo a autora, os fanzines Punks “se multiplicavam rapidamente e alavancaram a produção de [outros] fanzines, incentivando o leitor a criar uma nova publicação caso concordasse, discordasse ou quisesse tecer comentários” (SIQUEIRA, 2000, p. 22).

Segundo Zavan (2006), inicialmente os fanzines eram impressos com mimeógrafo e outros aparelhos copiadores, sempre de maneira rudimentar; atualmente, são reproduzidos em offset e máquinas fotocopadoras, acompanhando a evolução tecnológica.

O autor ainda destaca a capacidade do fanzine de constituir-se à “margem do processo produtivo e dos lugares instituídos (e permitidos) de manifestação artística [...]” (ZAVAN, 2006) assim, além da facilidade de criá-lo, “[...] são verdadeiros representantes, impertinentes dos processos pelos quais o homem (re)significa a si mesmo e o mundo em que está inserido e (inter)age por meio da linguagem, das possibilidades de discurso” (ZAVAN, 2006).

As possibilidades do fanzine ser uma via de expressão local e, assim, representar certo grupo, imerso em um tempo e em um espaço, reforça nossa

intenção de usá-lo como método de investigação. Zavan (2006) conclui que a “representação de um discurso (em gêneros, dispositivos, mídias) depende inexoravelmente de posições históricas e socioculturais a que toca viver o escritor, o artista, o poeta” Assim, fanzine é a representação por discurso de um contexto específico.

Devido à sua evolução, atualmente, o fanzine serve não só mais ao movimento cultural em que surgiu, mas, inclusive, como recurso metodológico para professores. Além de poder ser utilizado como um meio de abordar temas e conteúdos escolares

o papel de um fanzine cumpre sua meta na boa expressão dos alunos. Um fanzine é um veículo simples de ser feito, com um baixíssimo custo de produção e uma força de comunicação considerável. O aluno que aprende a produzir um fanzine, aprenderá a se expressar dentro da escola. E não apenas para a comunidade escolar como um todo, mas também para a comunidade extra-escolar (amigos, família, parentes), entendendo a comunicação como divulgação direta da idéia de quem produz sem visar o lucro, o que mantém o que está escrito no papel mais próximo da intenção do autor (ARAÚJO, 2005).

Portanto utilizar o fanzine como recurso metodológico possibilita ao aluno um meio de expressão, de comunicação e de construção de novas relações com o lugar escola. Ele não é apenas uma atividade que avalia conhecimento; ele é também ferramenta de identificação do aluno com a escola à medida em que presta-se a interferir nos fluxos (SANTOS, 2004) escolares, tornando as identidades e a opinião individual ou do grupo autor públicas, compartilhada.

Construir um fanzine é se expressar e se ver como agente ativo e participante da escola.

3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E ESPAÇO GEOGRÁFICO

Iniciaremos analisando alguns conceitos necessários à apreensão da visão de mundo que cada sujeito possui do espaço que habita. Por isso iniciamos com a relação mais íntima que estabelecemos com o mundo, nomeada como categoria lugar.

Sabendo que o lugar constrói-se enquanto espaço com identidade estabelecida, poderíamos inferir que há uma relação sujeito-lugar, portanto subjetiva, com esses espaços apropriados material ou simbolicamente. Assim, para cada sujeito, uma mesma porção do espaço ou um mesmo objeto ganha diferentes significados.

Parece ser essa mesma relação subjetiva, particular que, por sua vez, faz alguns sujeitos identificarem-se e outros não com um mesmo lugar ou objeto – para uns a escola pode ser um lugar, para outros um não-lugar. Podemos explicar essa contradição tanto pelas diferentes relações estabelecidas com o espaço para cada sujeito - podendo haver identificação ou não -, quanto pelas representações sociais.

Para Jovchelovitch:

As Representações Sociais são sempre a representação do objeto, ou seja, elas ocupam o lugar de alguma coisa, elas re-apresentam alguma coisa [...]. Elas possuem caráter produtor de imagens e significantes, que expressa, em última instância, o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo. Dessa forma elas representam, por excelência, o espaço do sujeito social, lutando para dar sentido, interpretar e construir o mundo em que se encontra (JOVCHELOVITCH, 2009, p. 14).

O que queremos expor são os múltiplos sentidos que um mesmo espaço ou lugar podem adquirir devido às subjetividades e às circunstâncias espaço-temporais. Para cada sujeito um mesmo lugar têm sentidos diferentes; para cada tempo histórico essas atribuições de sentidos modificam-se, afinal o espaço geográfico anima-se nas ações, nos fluxos (SANTOS, 2004), por isso reconfigura-se a todo instante.

Segundo Guareschi (2009), as representações sociais são atribuições de significados que objetivam dar sentido àquilo que nos relacionamos. Portanto, analisar as representações sociais da escola para os alunos que estudam nela, parece ser um interessante método de investigação das atribuições que eles próprios fazem.

Tais representações são um senso comum (MOSCOVICI, 2002), um conjunto de atores que compartilham identidades, ações, comportamentos, atribuições afins. Embora seja um conhecimento e explicação de mundo não científico e não provável, são indispensáveis a quem o utiliza assim como a quem procura interpretar a sua lógica própria:

O senso comum não é substituído pelas teorias científicas e pela lógica. Ele continua a descrever as relações comuns entre os indivíduos, explica suas atividades e comportamento normal, molda seus intercâmbios no dia-a-dia (MOSCOVICI, 2002, p. 199).

O senso comum, relacionado às representações sociais, parece ser um modo particular de um grupo explicar e entender-se a si próprio.

O grupo de alunos pesquisado, de faixa-etária entre 10 a 16 anos, possivelmente não tenha habilidades construídas para argumentar claramente sobre as escolhas que fazem para si e os sentidos que a escola lhes passa. No entanto, (con)vivem, relacionam-se, comunicam-se, enfim, tem uma representação mental do que seja tudo aquilo que estão experienciando.

Pensamos a escola como um conjunto de objetos e ações (Santos, 2004), portanto dotado de movimento; dinâmicas essas que animam-se pelas inter-relações entre fixos e fluxos. Para cada ação, deve haver uma representação antecedente como condicionante. Portanto a ação pode ser melhor compreendida buscando a sua motivação. E essa motivação, embora deva ter influência do ambiente externo, também é subjetiva, fruto do modo particular que cada aluno interpreta a realidade.

Assim chegamos a um ponto muito importante: buscar na representação social a percepção do espaço escola. Ou seja, antes de representar, percebemos.

3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO E FANZINE: DA PERCEPÇÃO À REPRESENTAÇÃO

Conforme já foi destacado anteriormente, quando apresentamos o sentido de um objeto já conhecido, estamos o re-apresentando. Mas, antes de representar algo, é necessário uma ação menos avançada, nomeada por percepção.

Somente representamos se percebemos antes, parece lógico. Portanto, se a representação social de objetos ou de espaços geográficos adquire uma conotação negativa (talvez um fato ocorrido entre alguns dos alunos de nossa pesquisa), inferimos que, como relação dialética, a percepção lhe fornece esse sentido. Sobre a percepção, Costella (2008) argumenta que essa capacidade relaciona-se com a socialização do indivíduo no meio que vive, ou seja, em suas relações estabelecidas com os outros e com o meio.

Na experiência prática com o mundo, percebemos, em outras palavras, que atribuímos significados aos objetos e às próprias práticas, resultado da ação dos sujeitos. Assim, há uma abstração, uma substituição gradual e parcial daquilo que percebemos quando e ao passo que representamos. Representar, então, é rerepresentar o sentido que o significante deu a alguma coisa. De modo mais explícito podemos relatar uma pequena experiência que praticamos, a seguir relatada.

No retorno dos alunos das férias de julho, nesse ano, fixamos um cartaz na entrada da escola com a seguinte provocação: “A escola Walt Disney é...”. Próximo ao local que estava a pergunta, colocamos uma urna, que serviria para o depósito de respostas para os alunos que sentissem vontade de expressar a sua opinião.

Depois de uma semana abrimos a urna a fim de fazermos uma prévia análise. Ela permaneceu fechada durante esse tempo. As respostas, que revelavam como os alunos representavam a escola, em sua maioria traziam conotações negativas.

Assim, a Representação Social que os alunos tem é reflexo da percepção negativa da escola.

“Perceber um espaço é vivenciá-lo; representar um espaço é objetivá-lo, imaginá-lo mesmo que esteja ausente” (COSTELLA, 2008, p. 63). Esse espaço ausente, refletindo sobre a ideia da autora, transforma-se em objeto simbolizado. A percepção, que é o espaço vivido, passaria a ser a representação de um lugar ou de um não-lugar?

Possíveis caminhos para essa resposta talvez possam ser apreendidos pelo estudo da produção dos fanzines na medida em que eles serão a materialização dos significados e das atribuições que a escola recebe. E, além de recurso de ensino, experiência fértil para quem a pratica porque traz as visões de mundo dos alunos a tona. Segundo Becker:

Pensamos a formação do professor com uma visão interacionista, construtivista, do ser humano em geral e do conhecimento em particular – visão esta capaz de suportar a realidade trazida para dentro da sala de aula pelo aluno, e transformá-la em matéria-prima da ação pedagógica visando [...] à construção das condições prévias de todo conhecimento [...]. (BECKER, 2003, p. 73).

Assim, o professor deve ser um entendedor tanto do aluno quanto do processo de ensino-aprendizagem, portanto acreditamos nessa pesquisa como um momento de aprimoramento profissional, ao mesmo tempo em que uma possibilidade de reconhecimento do aluno enquanto sujeito que aprende utilizando-se de suas experiências. Compreender as leituras de mundo dos alunos é valorizar e utilizar o conhecimento que todos trazem consigo para construir conhecimento em geografia.

4 NÓS TAMBÉM PODEMOS APREENDER COM OS ALUNOS

4.1 O FANZINE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO: IMAGENS E TEXTOS PODEM VALER MAIS DO QUE PALAVRAS

Antes de destacar como construímos os recursos para desenvolvermos nosso trabalho, esclareceremos brevemente o que pensamos sobre a relação entre professor e a pesquisa enquanto fonte para construção de conhecimento. Apoiamos na idéia de que a boa aula não começa após o toque sonoro que indica o início de um período sem uma organização prévia. Uma prática pedagógica comprometida e que efetive os seus objetivos requer planejamento e formação continuada, o que implica em ações e pesquisas por parte do professor.

Alguns questionamentos são interessantes neste momento em que falamos da qualidade das nossas aulas: a sineta foi substituída pela sirene, o giz pela caneta para quadro branco (que também mudou de cor e de textura) e, às vezes, a lousa pelas imagens projetadas pelo Data show; e nós, professores, mudamos, nos reformamos?

Uma resposta à altura a essa pergunta certamente não seria bem respondida em uma única pesquisa ou roteiro. Mesmo assim faz-se importante aqui discutir alguns apontamentos para que possamos refletir sobre o papel do educador diante das exigências atuais da instituição escola.

Antes de mais nada, sempre devemos estar em formação, pois não temos verdades absolutas. Conforme Becker (2007, p. 14) “O professor, como sujeito epistêmico, é alguém que continua aprendendo e ampliando sua capacidade de conhecer e, portanto, de aprender conteúdos mais complexos”.

Ao mesmo tempo, além de estarmos sempre atentos as nossas inconclusões, também devemos saber cada vez mais sobre nossos alunos porque somos responsáveis pelo processo ensino-aprendizagem. Afinal, para ensinar, o professor, “[...] precisa aprender seu aluno, como lembrava Paulo Freire (1995), saber das capacidades e, portanto, das necessidades cognitivas do aluno” (FREIRE apud BECKER, 2007, p. 14).

Uma aula rica em informações, em conteúdo, em imagens pode não ser tanto em conhecimento caso não olharmos atentamente para o aluno; ou seja, a aula que não apresente significado para os educandos talvez seja incapaz de atingir os objetivos propostos. Portanto conhecer, aprender sobre o aluno torna-se imprescindível a quem pretende compreender cada vez mais como e em quais condições o aluno constrói conhecimento de modo mais efetivo.

Ainda sobre o professor-pesquisador, Becker destaca uma característica que o diferencia de seus colegas; ele

[...] transforma sua docência em atividade intelectual cuja empiria (aquilo que se observa) é fornecida pela sua atividade de ensino, pela atividade de aprendizagem dos alunos, pela própria aprendizagem, pela rebeldia de alguns alunos [...], de condições didáticas apropriadas. [...] Quando isso acontecer, sua reflexão prestará à escola, ao ensino, à educação [...] (BECKER, 2007, p. 20).

Por isso acreditamos na construção do fanzine não somente como recurso didático e metodologia de ensino. cremos nele, também, enquanto fonte de pesquisa que evidencie a relação aluno-escola, como um produto que nos forneça subsídios as nossas interpretações acerca dessa relação e como oportunidade de reflexão sobre nossas práticas pedagógicas.

A importância da ação pesquisadora aliada à atividade profissional do professor deve ser uma tarefa contínua e inseparável. Esse movimento constante em busca de compreensão e de re-significação a respeito de nossas práticas em sala de aula nos capacita profissionalmente a oferecer respostas a eventuais percalços no fazer pedagógico. Assim como o aluno deve estar constantemente frente a desequilíbrios que o torne sujeito ativo de seu conhecimento, acreditamos que o professor também deve procurar respostas, mesmo que provisórias, aos acontecimentos inesperados na prática docente. Afinal a construção de conhecimento não é privilégio dos alunos; devemos aprender um de nossos conteúdos: a compreensão dos nossos alunos.

Após essas palavras iniciais sobre o professor-pesquisador, indicamos a seguir como estruturamos as principais etapas da pesquisa.

Embora em um primeiro momento tenhamos textualizado os principais conceitos que utilizamos para a abordagem do contexto, a pesquisa teve uma preocupação em relacionar conceitos e práticas.

Assim, as ações práticas iniciaram-se quando divulgamos, junto aos alunos das quintas e sextas séries do ensino fundamental, o curso de fanzine. Ele ocorreu na própria escola, no turno inverso, entre às 09:00hs e às 11:30hs da manhã. Os encontros tiveram periodicidade semanal, ocorrendo nos dias 28 de setembro, 5, 13 e 19 de outubro.

Os participantes do curso totalizavam 20 alunos, selecionados por sorteio entre os 30 pré-inscritos. A procura pela atividade foi considerável se comparamos ao total de alunos que tiveram a oportunidade de se candidatarem: aproximadamente 170 alunos, distribuídos em 3 turmas de quinta série e mais 3 de sexta série. A idade dos alunos variou entre 10 e 14 anos de idade.

Todos os participantes são alunos da própria escola, moradores do bairro ou dos mais próximos. Também convém destacar que a escola localiza-se em um

bairro de classe popular. Alguns alunos da escola, quando mostraram-se interessados em participar, revelaram que só participariam do curso se os responsáveis tivessem dinheiro para pagar. O custo por todos os 4 dias de curso foi de 5 reais, valor baixo a princípio, porém não acessível a todos.

O curso tinha como intenção construir subsídios para re-conhecermos e analisarmos a percepção e a representação que os alunos fazem do espaço do cotidiano, a escola; esses subsídios foram evidenciados no decorrer das aulas e pelo produto final: o fanzine.

Nossos objetivos não estiveram ligadas à crítica dos trabalhos enquanto arte, mas relacionaram-se à representação que os alunos fazem da escola. Portanto não foi dado ênfase ao conteúdo técnico do fanzine. No entanto esclareceremos brevemente o que foi abordado no decorrer das aulas, seguindo o cronograma elaborado pelo professor cursista.

No primeiro encontro o ministrante fez uma breve apresentação do que seria abordado no decorrer das aulas, destacando tópicos como desenho e expressão (desenho realista, técnico, industrial e cartum); quadrinhos, charge e cartum; e fanzine.

Na segunda aula os tópicos foram: o desenho em 6 etapas; o que expressar e por que - a idéia; divisão dos espaços do fanzine e a decisão do que vai fazer parte do fanzine. Essa etapa foi um dos mais importantes momentos do curso porque os alunos tinham como uma das tarefas utilizar o desenho ou a produção textual para responder as provocações seguintes: a escola Walt Disney é..., quem sou eu e o que faço aqui.

Ainda nessa etapa e relacionado às perguntas anteriores, deixamos os alunos livres para representarem o que achavam bom e o que achavam ruim na escola. Para isso cada aluno recebeu duas folhas com as perguntas.

As percepções dos alunos tornavam-se mais claras para nós ao analisarmos as respostas, possível pelas representações que seriam demonstradas com a produção do fanzine.

Em uma terceira aula, mais prática quanto à elaboração e montagem, abordou-se sobre a produção e o material utilizado para o fanzine. Por último, na quarta aula, foram feitas as impressões, a montagem das folhas em formato de livro e a distribuição do fanzine, finalizando todo o processo. Com o produto final acabado e distribuído, concluímos o curso.

Finalizado o trabalho com os alunos, passamos a nos preocupar com a fase seguinte da pesquisa, ligada à contextualização e textualizações a respeito do fanzine. Com base nas construções textuais e gráficas tivemos a possibilidade de evidenciarmos a maneira como os alunos percebem e representam o espaço escola assim como analisarmos o impacto do veículo de comunicação local sobre os seus próprios autores.

4.2 SOBRE A NOSSA LEITURA DO FANZINE

Antes de mais nada convém expor que o trabalho não procura criar ou construir conceitos ou verdades. Também é importante esclarecer que, embora o trabalho tenha um sentido investigativo, as interpretações são frutos de nossas análises e da compreensão que procuramos fazer tomando como objeto de estudo uma realidade, portanto não são as únicas possíveis.

Parece ser bem pelo contrário; partindo de uma realidade, propondo e praticando intervenções que visavam buscar subsídios para a pesquisa, textualizamos análises que estão intimamente relacionadas ao nosso modo de perceber a realidade, então ligadas a nossa subjetividade.

Seguindo nessa linha de pensamento, encontramos na hermenêutica o melhor método de investigação para darmos conta de um tema aparentemente tão trivial, mas de caráter altamente subjetivo, afinal tratamos de representações sociais do espaço geográfico escola. Pensamos que, ao utilizarmos esse método, teríamos possibilidades de desvendar o que não se mostra tão aparente. Para Rego (2001, p. 171) “A hermenêutica sempre supõe uma leitura transversal, através da qual ela encontra outras camadas, para além da primeira camada”.

Essa primeira camada, visível no simples observar do espaço geográfico, segundo Rego (2001), é um texto, passível de ser lido. O espaço geográfico seria então o texto da geografia, objeto de estudo de nossa ciência.

Pensamos, assim, que a hermenêutica seria a interpretação do texto geográfico por meio dos seus conceitos, procurando desvendar as contradições aparentes, as relações sócio-espaciais de modo que, a cada camada que penetramos, compreendemos cada vez mais a complexidade do espaço geográfico.

Essa abordagem da complexidade, para Rego (2001) torna-se mais possível a partir da pesquisa e das ações locais. A partir do vivido podemos penetrar na rede complexa do espaço geográfico:

[...] enxergo uma atitude que me parece emergente no ensino da geografia, que é a entrada nessa rede da complexidade a partir da perspectiva local, ou seja, a partir do mundo mais proximamente vivido, valorizando a pesquisa e a ação locais (REGO; SUERTEGARAI; HEIDRICH, 2001, p. 174).

As ações locais não estão isoladas do contexto em que os agentes vivem. Tais ações correspondem ao modo subjetivo que cada sujeito percebe e relaciona-se o espaço e que vive. Assim, o lugar enquanto categoria de análise da geografia poderia ser também um texto, ou ainda uma das possíveis leituras desse texto, pois são relações afetivas evidenciadas pela nossa observação do cotidiano.

É desse ponto de partida, do local, do lugar, denso em sua carga emocional porque é fruto de uma história desenvolvida pela sucessão de fatos que vão dos mais triviais até os mais envolventes da vida de cada sujeito, que a entrada na rede da complexidade se torna mais acessível. Por isso pensamos que compreender a escola dos alunos implica em apreender a representação que se faz dela.

Portanto necessitamos ir além da camada superficial que a representação apresenta; não queremos dizer que a representação é algo superficial em um sentido que a desqualifique, até porque estaríamos indo contra o que esse próprio trabalho objetiva. Queremos dizer que a representação deve ser desvendada pelo pesquisador, portanto uma camada a ser penetrada, porque ela é uma manifestação limitada pela linguagem de quem a representa:

Assim como a linguagem é polissêmica, também o conhecimento é polifásico: as pessoas são capazes de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, de acordo com o grupo a que pertencem e ao momento em que respondem (GUARESCHI, 2007, p. 34).

Então torna-se fundamental que também tenhamos o cuidado de analisar as representações indissociavelmente da realidade local dos sujeitos. Alia-se a essas interpretações co-relacionar quem representa às identidades, aos grupos sociais. Por isso acreditamos no fanzine enquanto recurso e metodologia pelo seu âmbito essencialmente autoral, particular em seu modo de apresentar como se concebe o mundo; há a possibilidade de conhecer o lugar e as identidades estabelecidas nas suas inter-relações que forma a rede da complexidade do espaço geográfico (REGO, 2001).

Portanto parece ter um sentido hermenêutico desvendar a relação sujeito-lugar além da simples ideia do espaço habitado. Relação essa que torna-se possível ao ultrapassarmos apenas o reconhecimento dos espaços habitados e de como são representados pelos alunos, mas quando tomamos como referência a própria visão desses sujeitos, por meio dos desenhos e dos textos (no sentido literal, escrito).

Assim, além de possível, a hermenêutica cria possibilidades de novas interpretações, que vão além do comum.

Assim, a hermenêutica significa compreender melhor o que não está implícito na condição de lugar ou de não-lugar para o aluno, re-significando a realidade para o pesquisador e desconstruindo verdades paradigmáticas. Com vistas à importância que se dá ao descobrimento daquilo que está escondido, conforme Bastos e Porto:

O conceito de verdade utilizado pela hermenêutica não é a comprovação ou a verificação da 'correção' ou da 'adequação', mas o de 'des-oculação'. É muito mais uma postura de compreensão do que por à prova os dados escolhidos que possam explicar uma determinada realidade (BASTOS; PORTO, 2000, p. 322).

Apreendendo uma realidade, desenvolveremos a pesquisa “des-oculando” o real, procurando compreendê-lo. E esse ato de compreender algo, essa ação intelectual que revela um sujeito que projeta-se sobre determinado recorte da existência humana, é indissociável das próprias subjetividades de quem age. Portanto, a essência e o espírito hermenêutico serão válidos, segundo Bastos e Porto (2000, p. 328), “para as metodologias que considerem a vigência do ser e a experiência de vida daquele que tenta compreender o fenômeno da comunicação [...]”.

Salientamos que, além do nosso conhecimento estar condicionado subjetivamente, o conhecimento dos alunos também estão presos ao modo particular que cada sujeito o apreende e representa. Assim a hermenêutica é válida para os objetivos de nossa pesquisa tanto para pesquisador quanto para pesquisados. Ou seja, os sujeitos da pesquisa, dotados de conhecimentos, nos fornecem subsídios ao representarem como apreendem a realidade.

O conhecimento é a representação da ação do sujeito. Por tanto o objeto está subordinado ao sujeito; assim esse é necessariamente o fundamento de toda a representação (HERMANN, 2002).

Portanto se reconhece o sujeito por sua representação, que é o seu entendimento de mundo. Partindo da representação dos alunos, compreende-se o seu mundo.

[...] a hermenêutica filosófica [admite uma] outra racionalidade em que o fundamento da verdade não está nem nos dados empíricos nem na verdade absoluta; antes, é uma racionalidade que conduz à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem (HERMANN, 2002, p. 20).

Com base nessas ideias expostas destacamos nosso método de pesquisa, a hermenêutica. Assim, não queremos descobrir a verdade ou explicar acontecimentos; queremos sim interpretar e compreender uma realidade. Através da teoria geográfica compreender uma prática cotidiano que, por sua vez, não deixa de ser a representação de uma teoria ou de um senso comum de apreender o seu cotidiano por parte dos aluno.

5 LENDO AS ENTRELINHAS DO FANZINE: DAS PALAVRAS DOS ALUNOS, AS NOSSAS

5.1 AS NOSSAS IMPRESSÕES INICIAIS E OS ASSUNTOS DO FANZINE

Desde o início da pesquisa de campo estabelecemos uma relação efetiva e próxima com os futuros alunos do curso que realizaríamos. Portanto houve a possibilidade de observarmos e iniciarmos nossas leituras prévias antes do início das aulas. Embora não estejam presentes em nossos textos, não significa que as desconsideramos; pelo contrário, as utilizamos como prognósticos para as aulas que seriam desenvolvidas.

Também foi importante acompanharmos o decorrer das aulas em sala porque percebemos atitudes, comportamentos e respostas que não são observáveis nas aulas formais, em períodos da disciplina de geografia. O sonho de ser jogador de futebol dos meninos não foi surpresa, mas as profissões que pensam em seguir quando adultos, explicitadas pelos questionamentos iniciais do professor, demonstram que existe uma idealização do futuro que foge do senso comum de que as camadas sociais mais inferiores da sociedade não tem perspectiva ou ideais.

Nossa leitura a respeito desses diferentes comportamentos nos aponta a relevância do espaço geográfico e das territorialidades, que condicionam condutas. Embora a maioria dos alunos já se conhecessem anteriormente e as aulas serem

ministradas na própria escola, possivelmente freqüentá-la em um horário diferente, com uma turma nova até o momento inicial criaram uma situação nova, um conjunto de relações que deveriam ser (re)-estabelecidas. O que, ao nosso ver, criava uma ambiência com referências espaciais ainda pouco visíveis e conhecidas.

Portanto, os alunos mostraram-se mais observadores e menos falantes do que normalmente, talvez por sentirem-se menos à vontade. cremos que as territorialidades ainda estavam em construção.

Também é importante destacar o quanto foi valioso possibilitar momentos de educação não-formal aos educandos, pois houveram novas situações de convívio fora da sala de aula que fomentavam a participação, o diálogo e até mesmo a construção de novas atitudes na medida em que, com um espaço ainda não vivenciado, as condutas e a própria escola eram re-significadas.

No decorrer das quatro aulas alguns grupos organizavam-se tanto por afinidade afetiva, evidenciada nas amizades pré-existentes entre parte dos alunos, quanto identitária, nesse caso evidenciada pelos temas em comum que gostariam de abordar na construção dos textos e das imagens.

Nas primeiras situações em que os participantes deveriam iniciar a escolha de suas produções, provocados por nossos questionamentos sobre as suas relações com a escola, foi recorrente o destaque de aspectos negativos como a sujeira dos banheiros, as pichações, e o senso comum da instituição escola como condição para uma vida melhor, lugar para possibilitar um futuro profissional.

Os principais assuntos do fanzine estavam ligados: à insegurança, revelada pelas produções acerca da violência e da falta de calçada em uma das ruas que dá acesso até a escola; à má conservação do prédio, textualizada pela lista de problemas que deveriam ser solucionados; e ao esporte como fator de identificação e forma de manter os alunos menos suscetíveis ao consumo de drogas. Ainda houveram mais duas abordagens: uma tratando do perfil dos alunos do curso,

através de um questionário aplicado aos participantes e co-elaborado com o auxílio do autor desse trabalho, e outra descrevendo as estratégias que os professores desenvolvem para manter a atenção dos alunos.

Na terceira aula esses temas já estavam presentes nas pré-produções dos alunos. A tarefa para o último encontro em aula era elaborar os textos, os desenhos, as histórias em quadrinhos ou outros recursos escolhidos pelos autores.

Nossa intenção em proporcionar a construção dessas produções era gerar subsídios a nossa pesquisa a fim de reconhecer as relações aluno-escola. No entanto, no decorrer das aulas e principalmente na última, talvez pela identificação dos alunos com o material que produziam, a escolha do nome e da imagem que seria a capa do fanzine nos deu ideia da dimensão simbólica de suas criações. O grupo dividiu-se em dois, orientados pelo interesse de ver a sua opinião representada e impressa na capa.

Evidenciava-se, assim, a apropriação simbólica que os alunos fizeram do veículo de informação. O momento em que se decidiu qual seria a capa, eleita por votação e, após o empate, sorteada em aula, foi o mais entusiasmante de todo o curso, evidenciado na participação efusiva dos alunos. Desde o início do pleito até a decisão final, que durou aproximadamente 20 minutos, todos demonstraram o quanto era significativo ver a sua escolha materializada.

Creemos que a possibilidade de influenciar na elaboração de um veículo de comunicação interno da escola foi a motivação para tanta participação. Em uma abordagem geográfica, podemos ressaltar essa situação pela importância dos agentes sociais como condicionantes dos fluxos através das suas ações, processo que busca criar objetos que sejam fonte de referência e de identidade territorial: “controla-se uma área geográfica, ou seja, o território, visando atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (SACK apud HAESBAERT, 2007, p. 21).

Assim, influenciar para que situações específicas estabeleçam-se, tomando como motivação interesses pessoais ou de grupos, é uma ação cotidiana e natural que visa suprir necessidades naturais dos sujeitos sociais. E, caso efetivem-se os objetivos, a escola é re-significada porque recebe a ação do aluno, que também se modifica.

Nossas impressões iniciais demonstraram que o fanzine, na condição de um processo de criação subjetiva, tem a capacidade de tornar mais claro ao aluno a possibilidade dele tornar-se um agente ativo e consciente de que as suas escolhas têm representatividade no grupo em que está inserido.

5.2 O LUGAR EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

O Lugar, espaço habitado mais próximo afetivamente, tem revelado suas múltiplas interpretações em tempos de globalização. Começaremos abordando um brevíssimo resumo que Carlos (2007) faz de seu livro “O Lugar do/no Mundo”. A autora revele os três planos em que desenvolve o estudo a respeito das implicações do conceito de lugar em espaços urbanos. São eles o espaço: em sua leitura podemos ler os traços e inscrições da produção humana; a metrópole: nela se constitui e revela-se nosso modo de vida, de construção de uma cultura, hábitos, valores, produzindo um espaço; e o lugar:

[...] que se refere ao processo de constituição, no plano do imediato, da vida revelando-se em suas múltiplas dimensões. Definido a partir do sujeito que se revela nas formas de apropriação pelo corpo “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva e algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores (AUGE apud CARLOS, 2007, p. 14).

Nossa intenção de registrar essas idéias parece ser semelhante àquela que a autora tem ao abordar esses planos de análise: não há como compreender o lugar e as suas implicações desconexo do modo de vida atual, que é essencialmente

urbano. Assim, viver em um espaço urbano de uma metrópole, caso nosso, implica em estar envolvido em uma rede urbana, rica em informações e articulada aos processos mundiais da globalização (CARLOS, 2007).

Portanto o local e o global cada vez mais deixam de ser contraditórios para serem complementares. Deparamo-nos com o diferente, com o novo a todo o momento por meio das redes de comunicações:

Hoje não falamos mais entre contradição entre o Lugar e global, pois, na diversidade que existe, há uma completude entre ambos. Há uma maior globalização do Lugar, correspondente a uma maior individualidade, para que ocorra a manutenção da sua existência, enquanto Lugar (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 93).

No entanto essa aproximação de espaços, cada uma com suas diferenças culturais, põem frente a frente realidades diversas que podem impor paradigmas inacessíveis, sejam pelas diferenças de significados – de caráter cultural -, sejam pelas desigualdades econômicas como destaca a seguir o autor:

O comportamento de uns e outros continuam uma realidade bastante diferenciada e as performances técnicas e econômicas são desiguais. As identidades culturais renascem ou formam-se numa ambiência apaixonada e frequentemente agressiva (CLAVAL, 2001, p. 10).

Talvez venha desse processo de aproximação de realidades incompatíveis – o modo de vida adotado segue modelos de países ricos, inacessíveis ou irreproduzíveis na grande parte dos países, que são menos favorecidas economicamente - a inquietude dos sujeitos e, às vezes, as ambiências agressivas que o autor trata.

Nesse contexto, o lugar ganha novas interpretações porque ele continua sendo a fonte de identificação, recebendo novas atribuições e sentidos que, conforme Carlos (2007), traz segurança a quem o percebe como tal.

Por isso acreditamos que compreender a relação aluno-escola e suas implicações nos possibilita produzir mecanismos de resistência a partir do local, do lugar.

Num mundo em que tudo está globalizado e que a informação ultrapassa todo tipo de fronteiras, encaminhando a que tudo se subordine a uma mesma lógica, homogeneizando a tudo e a todos, torna-se fundamental resgatar a construção da identidade e do pertencimento dos sujeitos. Nesta perspectiva nada mais adequado do que estudar o lugar em que se vive (KAERCHER, 2000, p. 85).

Nesse contexto a escola e os conteúdos geográficos (conteúdo enquanto temas da disciplina de geografia e enquanto a própria vida e todas as suas instâncias) devem estar articulados a fim de reforçar as identidades locais, e como meio pelo qual podemos gerar atores sociais ativos em suas comunidades.

A seguir analisaremos alguns dos textos e desenhos dos grupos e alunos que construíram o fanzine. Para isso os organizaremos por assuntos, classificando-os pelos possíveis sentidos que o lugar escola recebe. Assim procuraremos reconhecê-la em sua multiplicidade, característica do espaço geográfico.

5.2.1 Escola Walt Disney: O Lugar do Compromisso?

O Rap “O fim da Escola” (Figura 2) reflete a preocupação com a depredação da escola. Ela é percebida em seus aspectos negativos quando representada pela frase: “Tudo era feio, tudo era pichado”. No entanto, os autores não retiram de si a responsabilidade, pois afirmam que depende deles próprios a salvação da escola: “A gente precisa cuidar, “pra” escola não acabar”. Além do texto, há uma imagem que também demonstra o possível fim para a instituição, engolida por uma caveira.



Figura 2 - O Fim da Escola?

Fonte: Fanzine da Escola Walt Disney, 2010.

Torna-se evidente que existe uma preocupação dos autores com a situação do prédio, porque, talvez, as percepções do espaço vivido lhes causem desconforto. Conforme Santos

Os objetos preexistentes vêm-se envelhecidos pela aparição dos objetos tecnicamente mais avançados, dotados de qualidade operacional superior. Desse modo cria-se uma tensão que se levanta dentro da sociedade, entre as ações hegemônicas e ações não hegemônicas (SANTOS, 2008b, p. 96).

No passado não havia tão claramente uma homogeneização dos objetos em função das ações de hierarquia superiores. Portanto parece haver uma constante comparação entre os objetos avançados tecnicamente (celulares, aparelhos tocadores de MP3, videogames) e os velhos que, para o nosso caso, podem ser os prédios da escola e a sua estrutura.

A moda, as tendências comportamentais, os aparelhos eletrônicos modificam-se rapidamente. No entanto, a escola permanece a mesma. A má conservação,

visível nas pinturas velhas e rabiscadas, nos banheiros, nas portas, nas classes, nas cadeiras danificadas, apresentam-se como o velho.

Por um lado é consenso que a escola está depredada, como foi representado por alguns temas do fanzine, evidenciando uma ação dos sujeitos sobre o objeto escola (ação essa de representação), por outro lado os objetos tendem a ser cada vez mais especializados, principalmente aqueles do sistema hegemônico, cujos interesses são comerciais. Conforme Santos (2008), sobre os objetos, a sua concepção e função são essencialmente técnicas, portanto dotadas de informação, o que condiciona a reprodução do capitalismo.

Os objetos já não trabalham sem o comando da informação, mas, além disso, passam a ser, sobretudo, informação. Uma informação especializada, específica e duplamente exigida: informação para o objeto e informação no objeto (SANTOS, 2008b, p. 97).

Por isso acreditamos nessa tensão entre o cotidiano dos alunos, moradores de um bairro com pouca infra-estrutura e estudantes de uma escola em má conservação, e as informações que recebem associadas aos objetos técnicos das ações hegemônicas. Parece haver, segundo Santos (2008b, p. 96) uma falta de funcionalidade dos objetos: “[...] o espaço se define como um conjunto indissociável no qual os sistemas de ações são cada vez mais artificiais e são, cada vez mais, tendentes a fins estranhos ao lugar”.

Santos ainda destaca a reconfiguração espacial que ocorre, partindo do lugar de seus habitantes, afirmando que ela “se constrói a partir de uma vontade distante e estranha, mas que se impõem à consciência dos que vão praticar essa vontade” (SANTOS, 2008b, p. 97).

No entanto, como resistência e como lugar do compromisso, parece que o local também é o lugar das ações cujos interesses são a satisfação da própria comunidade, superando os sistemas de ações com origens a finalidades distantes. Visando confrontar essa hegemonia do global “os lugares também podem se

fortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2004, p. 194).

Portanto, ao mesmo tempo em que o lugar perde referência sob as ações distantes, também ele transforma-se em fonte de identidades construídas local e socialmente construídas. Por isso pensamos na ideia da escola como o lugar do compromisso. Compromisso esse com a manutenção do lugar afetivo e dotado de referências subjetivas e comunitárias e com as próprias identidades que são indispensáveis aos grupos que habitam esse espaço.

5.2.2 Escola Walt Disney: O Lugar de Aprender?

Para descrever sobre o lugar escola uma das autoras do fanzine escolheu representar acontecimentos percebidos nas aulas. A ideia inicial era representar todos os professores e fatos das suas aulas, porém, por falta de tempo, apenas um deles, o autor dessa pesquisa, foi o escolhido, conforme a seguir.

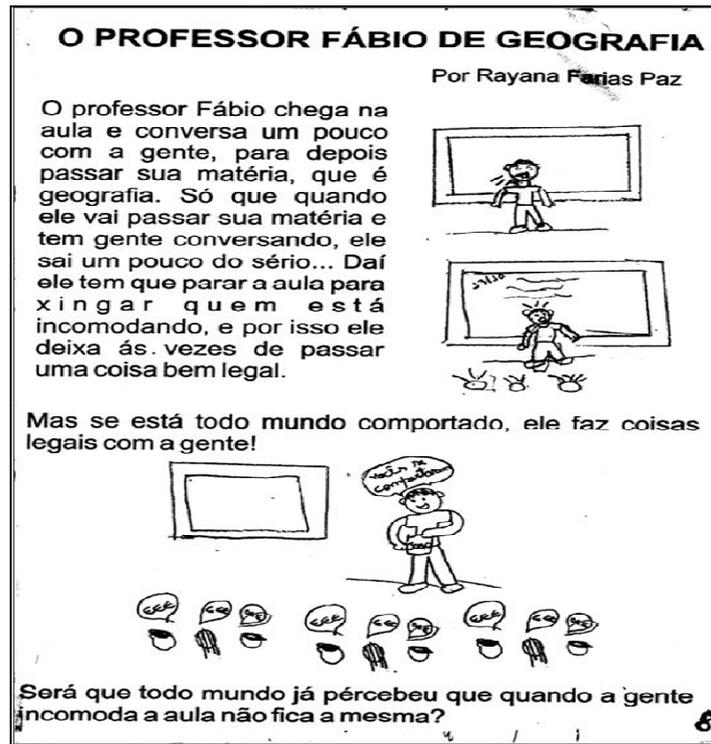


Figura 3 - O Professor Fábio de Geografia

Fonte: Fanzine da Escola Walt Disney, 2010.

Assim, a aluna descreve com textos e imagens as diferentes situações pelas quais o professor passa. No entanto não há uma mera descrição de fatos isolados, mas uma certa compreensão da aula como um processo que têm um propósito por parte do professor e sofre influências, que estão associadas às atitudes dos alunos.

Isso parece ficar evidente quando a aluna destaca que o professor não prossegue a aula caso haja conversa paralela, e em consequência para e chama a atenção dos alunos que estão incomodando. Ela destaca que essas atitudes interrompem o desenvolvimento da aula. Porém, quando há um bom comportamento, a aula ganha outro rumo e torna-se mais agradável.

Acreditamos que há uma percepção por parte da aluna de que o professor tem um objetivo, um propósito nas atividades de aula, obedecendo a um desenvolvimento procedimental. Caso não houvesse a percepção desse propósito

em nossas aulas, pensamos que, talvez, os comentários não evidenciarão a sua observação quanto às rupturas em momentos de desinteresse dos alunos.

Assim acreditamos que, para essa aluna, a escola é o lugar de aprender. Isso porque, se ela compreende o desenvolvimento da aula como um processo influenciado pelas ações de seus colegas, pensamos que seja competente para tal compreensão.

Ou seja, para analisar um propósito nas atitudes dos outros, antes deve-se perceber em suas próprias atitudes ou, ao menos, mesmo sem perceber, praticar ações com propósitos.

“A capacidade representativa do sujeito sobre a sua realidade [...] está intimamente relacionada à socialização do indivíduo e às relações que esse indivíduo estabelece com os outros e com o meio” (COSTELLA, 2008, p. 63).

Então, ao representar as aulas, ela representa subjetivamente, de acordo com a sua percepção e com as suas características psicossociais. Percebe propósito em uma aula porque possivelmente têm seus propósitos e os comportamentos condizentes a eles, ações que estão relacionadas com suas relações sócio-espaciais.

Neste momento a nossa análise leva em conta também nossas observações diárias dos alunos. A aluna demonstra um ótimo comportamento em sala de aula, tanto nas de geografia quanto nas do curso de fanzine. Faz questionamentos e comentários coerentes, demonstra atitudes participativas e, quando necessário, solicita aos seus colegas que ouçam o professor ou cessem as conversas.

Ao final do texto questiona sobre a consciência dos alunos a respeito da sua responsabilidade no desenvolvimento das aulas. Embora tenhamos sugerido que ela respondesse a essa pergunta no próprio texto, portanto a condicionamos, pensamos que essa pergunta resume a sua intenção de certa forma.

Enfim, acreditamos que a escola é o lugar de aprender, mas, não significando que não existam outros interesses. O que destacamos foi, apenas, uma das possíveis interpretações baseadas na representação pelos textos e desenhos.

5.2.3 Escola Walt Disney: O Lugar de Segurança e de Relações Interpessoais?

Dos sete, pelo menos dois dos temas do fanzine estiveram ligados a temas que conotavam a busca pela criação ou inserção de/em uma rede de relacionamentos dentro da escola Walt Disney. Destacamos nessa análise o desenho intitulado Esporte é Saúde, figura 4, e o texto cujo título foi Questionário, Figura 5. Ao nosso ver, ambos evidenciam a escola como lugar de estabelecer relações, sendo necessário, assim, a inserção em redes sociais.

No primeiro caso, Esporte é Saúde, à primeira vista, notamos um consenso de que o esporte possibilita uma vida mais saudável, tanto por ser uma atividade física, quanto por ser fator de negação ao uso de drogas. Além disso, a prática de esportes, pontualmente o futebol, representado pelos desenhos, parece ser fator de identificação e de lugarização do espaço escolar.

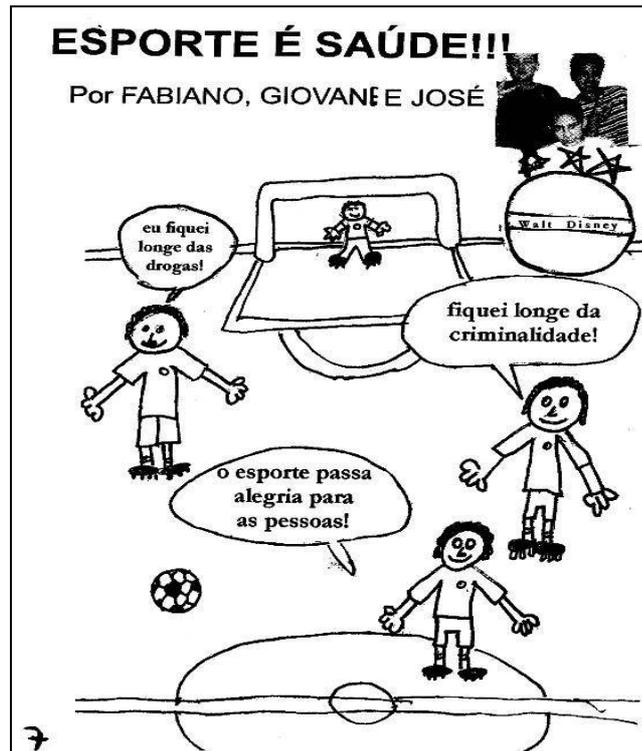


Figura 4 - Esporte é Saúde

Fonte: Autor, 2010.

Os comentários que os personagens do desenho fazem são que o esporte passa alegria para as pessoas, e quem o pratica fica longe das drogas e da criminalidade. Embora sejam ideias comuns de ouvirmos na mídia, pensamos que essa representação está ligada à insegurança da vida fora dos muros da escola.

Empiricamente e porque o autor desse texto vive em um bairro desprivilegiado de infra-estrutura na própria cidade e próximo de onde está localizada a escola, Viamão, observamos que houve mudanças estruturais nas últimas décadas. Nesse bairro, possivelmente também em outros na mesma condição metropolitana, a existência de terrenos sem casas construídas eram comumente utilizados como campos de futebol. Porém, atualmente o que observamos e o que ouvimos dos próprios alunos em nossas aulas é que faltam espaços livres para a prática de esportes.

Há uma única praça próxima à escola, na avenida principal. Também existem alguns ginásios de esportes, porém particulares, portanto a sua utilização se dá mediante o pagamento de uma taxa. Embora não comprovamos cientificamente essa mudança, as vivenciamos, e, por isso, trazemos a nossa análise interpretativa.

Relacionando os comentários que os personagens dos desenhos fazem à falta de espaços para o lazer, acreditamos que a escola apresenta-se como, além de lugar para jogar futebol, também segurança à medida em que os alunos mantêm-se longe da criminalidade.

Por isso acreditamos que o lugar escola, para esses alunos, parece ser o da segurança. Segundo Maffesoli (1998, p. 194) “O objeto cidade é uma sucessão de territórios onde as pessoas, de maneira mais ou menos efêmera, se enraízam, se retraem, buscam abrigo e segurança”.

A falta de locais para o lazer, aliada à insegurança vivida e assistida nos noticiários, parecem ser a situação que faz os alunos representarem o lugar escola como aquele da segurança.

Quanto ao texto com o nome Questionário, Figura 4, evidencia-se a escola como o lugar de estabelecer relações. Após receberem a tarefa de escreverem, desenharem ou utilizar outras formas de expressão, demonstram o interesse em conhecer melhor os participantes do curso, uma vez que nem todos são colegas de turma.

Para tal, elaboraram 9 perguntas para que fossem respondidas pelo grupo. Algumas questões foram elaboradas com o nosso auxílio, portanto, de certo modo, acabamos condicionando algumas. Naquele momento tentamos descobrir qual a intenção das autoras com as perguntas, assim podíamos aliar seus interesses com o nosso: descobrir quais as motivações para conhecer melhor seus colegas. A seguir, na Figura 5, estão as questões.

QUESTIONÁRIO...

POR AMANDA, FERNANDA E NATÁLIA



* -- * -- * -- * -- * -- *

1 - Você gostaria que o recreio fosse maior ou não? Por quê?
 Sim, porque a gente teria oportunidade de conhecer pessoas novas.

2 - Qual é o momento da aula que você mais gosta? Por quê?
 História, porque a gente descobre o passado.

3 - Qual é o lanche que você gostaria que a escola oferecesse?
 Cachorro-quente, empada e xízi.

4 - Escreva explicando sobre um fato na escola que chamou a sua atenção.
 A falta de limpeza nos banheiros.

5 - Qual a música que você gostaria que tocasse no recreio?
 Restart.

6 - Você sente medo da escola em algum momento? Quando ou em qual situação?
 Não, porque a escola é um lugar para aprender.

7 - Defina a escola em uma palavra de sua escolha, pode ser qualquer palavra.
 Maravilhosa

8 - Explique porque você pensou nessa palavra para definir a escola.
 Por que a escola é legal, muito legal.

9 - Escreva alguma coisa sobre nossa escola que você nunca pode dizer a ninguém.
 Poderíamos falar sobre a limpeza da escola, mas hoje não vamos, queremos falar de outro assunto. Quando chegamos na escola podemos notar que a porta do saguão está fechada para os alunos. Em dias de chuva, nós pensamos que ela teria que estar aberta, porque crianças, pais e alunos acabam se molhando!

(Assinatura)

Figura 5 - Questionário

Fonte: Autor, 2010.

Os populares questionários são comuns nas escolas; consistem em uma série de perguntas enumeradas, seguidas de linhas em branco para que cada indivíduo responda aos questionamentos. Parece ser um artifício para estabelecer relações interpessoais e também identificar e explicitar aspectos do grupo que participa.

Evidencia-se a intenção de estabelecer contato com outros sujeitos em busca, talvez, de criar vínculos para formar redes sociais. Portanto o sentimento de pertencimento parece estar em jogo na constituição desses agrupamentos; conforme Maffesoli

[...] a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação (MAFFESOLI, 1998, p. 194).

Assim, essa rede de comunicação estabelece-se de acordo com características afins, cuja intenção é compartilhar identidades e sentir-se pertencido.

O grupo, para sua segurança, dá forma a seu meio ambiente natural e social, e, ao mesmo tempo força, de fato, outros grupos a se constituírem enquanto tais. Nesse sentido a delimitação territorial (quero lembrar que é território físico e território simbólico) é estruturalmente fundadora de múltiplas socialidades (MAFFESOLI, 1998, p. 197).

Então pensamos que a escola também é o lugar das relações inter-pessoais, da possibilidade de estabelecer relações dentro de uma rede social, cuja finalidade é o sentimento de pertencimento e a busca pela segurança.

5.2.4 O Lugar Escola Walt Disney Vai Além de Seus Muros

A análise que faremos a seguir está relacionada à história da figura 5, intitulado Perigo até a Escola. Ela foi elaborada em forma de história em quadrinhos e conta como é o caminho dos alunos saindo de suas casas até chegar à escola.



Figura 6 - Perigo até a Escola
Fonte: Autor, 2009.

Na busca pelas representações que os alunos fazem da escola, nossa pesquisa demonstrou que o lugar, nesse caso a escola, não está relacionado somente e diretamente às dependências do prédio ou do pátio. O significado do lugar escola Walt Disney está intimamente ligado às subjetividades de cada sujeito e, por isso, pode articular-se a outros espaços:

Quanto à subjetividade, tem muito a ver com a identidade. Quando pensamos em subjetividade lembramos de leituras diferenciadas que os indivíduos fazem do mundo. Cada indivíduo, ligado à sua ambiência, faz uma identificação particular daquilo que o espaço proporciona (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2004, p. 12).

Assim, não necessariamente a representação negativa ou desprivilegiada que a escola pode ter ganha esse sentido porque é experienciada como ruim. Ela não é

um espaço isolado. Como evidencia-se na história em quadrinhos Perigo até a Escola, Figura 6, o trajeto que se faz das casas dos alunos até a escola, ao ser percebido como perigoso, associa-se ao espaço escola, porém possível de ser compreendido em um nível de análise maior.

Subjetivamente, constroem-se relações com e entre os lugares (a casa, a rua, a escola), que ganham sentido por meio de nossas ações não como partes isoladas, mas como uma totalidade, segundo Santos (2004) como um conjunto de objetos e de ações.

Estabelecidas tais relações, pensamos que a indissociabilidade é um aspecto fundamental entre os diferentes objetos porque estão articulados por nossas ações de significação.

Assim,

Cada lugar é sempre uma fração do espaço totalidade e dos diferentes tempos, portanto, na busca da compreensão dos lugares há necessariamente o trânsito pela totalidade. A ideia de lugar está associada à imagem da significação, do sentimento, da representação para o aluno (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2004, p. 15).

Portanto, para cada sujeito que estabelece relações com a escola Walt Disney - construção essa subjetiva, mas também intersubjetiva porque está condicionada pelo convívio com outros sujeitos -, outros lugares associam-se, tornando o espaço cada vez mais complexo de ser entendido.

Nesse contexto, a representação do lugar para esses alunos demonstra o quanto o espaço geográfico é rico: partindo do lugar escola, atribui-se sentimentos que estão ligados também à rua que os leva para a aula, percebida como perigosa porque não há calçada; desse problema a rua vincula-se à instituição municipal, representada pela prefeitura e responsável tanto pela manutenção da infraestrutura do bairro, que é material, quanto pelo sentimento de insegurança atribuído ao caminho de casa até a escola, que é simbólico.

Não queremos dizer que a produção dessa história é a melhor ou mais elaborada, contudo ela representa o quanto é complexo compreendermos as apropriações dos espaços em sua totalidade. Por isso cremos que reconhecemos o lugar do grupo como um conjunto de inter-textualidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construímos um fanzine para reconhecemos nossos alunos utilizando a ciência geográfica como abordagem da realidade. Portanto pensamos que os objetivos principais foram alcançados, até porque o sentido primordial dessa pesquisa não era avaliar se o fanzine é ou não um recurso metodológico efetivo para ser utilizado em aulas de geografia. Tínhamos como meta reconhecer o que envolve o aluno com a escola, ou seja, que relações são estabelecidas entre alunos-escola.

Assim, ao final dos trabalhos, compreendemos que a escola Walt Disney é percebida e representada por seus alunos de maneiras diferentes porque cada sujeito que ali convive é único, é um pequeno, ou talvez um grande, universo. Por meio da representação social, que podemos entendê-la como a capacidade que os indivíduos de um grupo têm de apreenderem algo e agirem sobre uma realidade, reconhecemos os lugares dos alunos pesquisados.

As percepções e representações estão vinculadas de modo intrínseco com a história de vida de cada sujeito ou grupo. Desse modo acentuamos a importância que devemos dar ao entendimento que cada comunidade tem de sua própria realidade, de sua própria vida. Essa capacidade de compreendermos um espaço ou um lugar pelos olhos dos outros, ou melhor, pelos olhos de quem convive neles, parece ser imprescindível aos geógrafos que procuram entender um espaço geográfico, um território, um lugar.

Pensamos assim porque, ao percebermos como estão estabelecidas as relações sócio-espaciais, compreendemos o espaço geográfico como algo vivo, as territorialidades de um território, os sentimentos mais subjetivos de um lugar. Embora nossas análises sendo profundas, críticas, reflexivas, elas perdem veracidade caso a faremos desconsiderando os sujeitos que realmente dão vida ao espaço. Nessa perspectiva de compreensão, cremos que reconhecemos os lugares dos alunos pelos seus próprios olhos, re-significando também a nossa compreensão do espaço escola Walt Disney.

Também é importante destacar que entendemos o professor como pesquisador e entendedor tanto do aluno quanto do processo de ensino-aprendizagem, o que parece estar contemplado nessa pesquisa ao passo que reconhecemos os alunos através do diálogo sujeito-lugar ao mesmo tempo em que pudemos para perceber as suas capacidades de representarem as relações nas quais estão envolvidos.

Sobre o fanzine, foi utilizado como recurso e metodologia: além de material de expressão dos alunos também foi estruturado como procedimento da construção de subsídios para as nossas análises. Portanto ele foi fundamental para o desenrolar da pesquisa; poderíamos escolher outras maneiras de representação por parte dos alunos, porém o percebemos como uma interessante forma de expressão. Obtivemos um envolvimento satisfatório por parte dos sujeitos da pesquisa, que foram os criadores do fanzine.

Ele representa o espaço geográfico percebido pelos alunos em sua essência. Ele é a materialização de vivências, de percepções, de representações das ambiências nas quais seus sujeitos autores estão mergulhados e dos seus lugares.

Também pensamos que construir um fanzine é se expressar e se ver como um agente ativo e participante da escola. Pela oportunidade de construir novas relações, re-significando o espaço e o lugar escola Walt Disney, ele é também

instrumento de identificação do aluno com a escola porque interfere nos fluxos, tornando as identidades e a opinião individual ou do grupo públicas, compartilhadas.

Assim, é fator de identificação com o lugar, com o local, algo que parece ser fundamental frente aos processos globalizantes que tendem cada vez mais à homogeneização cultural. Portanto reforçar as identidades locais assume um papel importante porque cria relações mais solidárias e re-aproxima os sujeitos que convivem nos mesmos lugares.

Por isso, como sugestão, pensamos que outras pesquisas devam ser desenvolvidas cujos objetivos estejam atentos à construção de novos veículos de comunicação alternativos. Os jornais de associações de moradores, comunitários, de bairro, mesmo com fins comerciais, devem ser re-visitados e compreendidos como um fator que reforça a identidade local e possibilita uma apropriação das comunidades locais dos espaços habitados.

Além de teorizado, nas escolas o fanzine também pode ser mais utilizado; parece ser interessante reunir outras disciplinas escolares e construir um veículo de comunicação interno da escola, formando equipes para escreverem ou participarem da sua elaboração. Além de um recurso interessante aos alunos, de metodologia para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, também pode ser explorado como recurso didático em sala de aula. Não o utilizamos nas aulas de geografia, porém, as possibilidades parecem ser válidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Felipe. **O fanzine na sala de aula: exercício de cidadania**. 11 maio 2005. Disponível em: <<http://zinco.oktiva.net/oktiva.net/1234/nota/13159>>. Acesso em: 17 set. 2010. 19:45hs.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 1. ed. São Paulo: Papirus, 1994.

BASTOS, Fernando; PORTO, Sérgio Dayrell. A análise hermenêutica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual é a relação? In: BECKER, Fernando. MARQUES, Tânia B. I. **Ser professor é ser pesquisador**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007. Disponível em: <<http://www.ffch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso em: 23 maio 2009. 19:15hs.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **A geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação**. 2004. Tese [Doutorado em Comunicação Social]. Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos cartográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2001.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico por vivências e por representações espaciais**. Tese [Doutorado em

Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HARVEY, David. **Ajustamento social e a cidade**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. A representação social da família através do estudo da fotografia. In: POSSAMAI, Hélio; GUARESCHI, Pedrinho (Orgs.). **Territórios de exclusão: investigações em representações sociais**. 1. ed. Porto Alegre: ABRAPSO – SUL, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia Social e Representações Sociais: avanços e novas articulações. In: VERONESE, M.; GUARESCHI, P. [Orgs.]. **Psicologia social do cotidiano – representações sociais em ação**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUIMARÃES, Edgard. **Algo sobre Fanzines**. edição n. 7, 01 mar. 2000. Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=41&rv=Literatura>>. Acesso em: 17 set. 2010. 19:45hs.

KAERCHER, Nestor (Org.). **A inserção do profissional da geografia da sociedade**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12, 2000, Florianópolis. Os outros 500 na formação do território brasileiro. Florianópolis: Agb, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MOSCOVICI, Sergi. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferina; AIGNES, Carlos Henrique de Oliveira; VEIGA, Amarildo Augusto. Lugar, Escola e Territorialidade Urbana. In: **A emergência das multiterritorialidades: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

REGO, Nelson; SUERTEGARAI, Dirce Maria Antunes; HEIDRICH, Álvaro. O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 16, 2001. Disponível em: <http://www.agb.org.br/files/TL_N32.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010. 19:45hs.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a. Disponível em: <<http://downloads.ziddu.com/downloadfile/9007163/metamorfose-do-espaco-habitado-milton-santos.pdf.html>>. Acesso em: 20 mar. 2010. 19:45hs.

_____. **Técnica espaço tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SIQUEIRA, Joanne Oyama. **O fanzine como fator de identificação cultural.** 2003. 65 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social)–Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

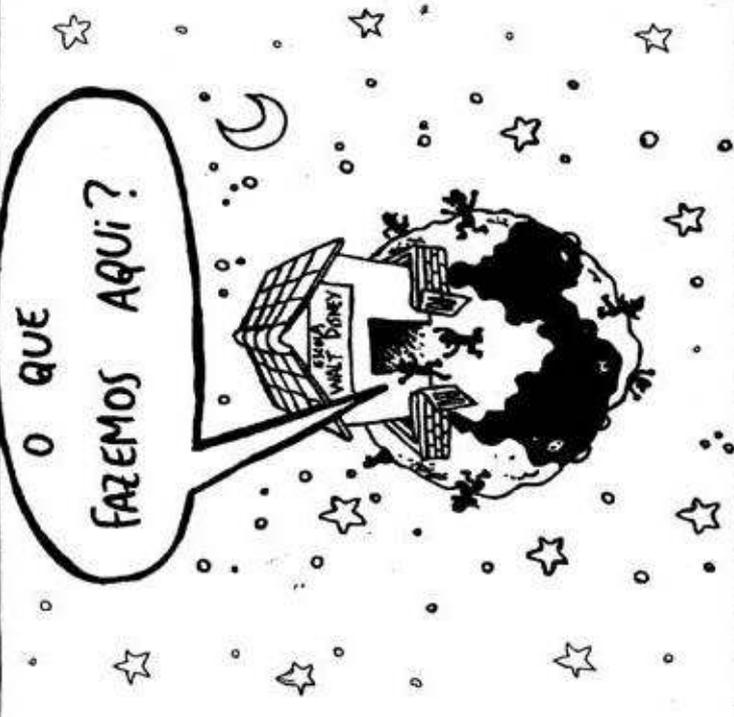
ZAVAM, Áurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 1, jan./abr 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/01.htm>>. Acesso em: 05 set. 2010. 20:20hs.

ANEXO A - Capa e Contra-capa do Fanzine

☆ FANZINE DA ESCOLA ☆
WALT DISNEY

VIAMÃO - ANO 2010 - OUTUBRO - ESCOLA BIPOLAR WALT DISNEY

O QUE
FAZEMOS AQUI?



(*)O que é Fanzine?
De um modo geral o Fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente "revista do fã" (fã= fã de algo, revista= publicação). Alguns estudiosos do assunto consideram Fanzine somente a publicação que traz textos, informações, matérias sobre algum assunto. Quando a publicação faz produção artística incluída seria chamada Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado.
FONTE: Edgard Guimarães

Os
e
Os
autores:



Amanda, Bruno, Brenda, Endres,
Fernanda, Fábio, Fabiano, Giovan,
Henrique, Jeferson, Jordan, José,
Leandro, Letícia, Natália, Rafael e
Wellington.]

ANEXO B - Páginas 1 e 2 do Fanzine

ÍNDICE:

FANZINE DA ESCOLA WALT DISNEY	HENRIQUE E LEANDRO _____ 2
ENDEREÇO: RUA MEDIA- NEIRA, 648, SANTA ISABEL VIAMÃO	WELLINGTON DOS SANTOS _____ 3
PROF. RESPONSÁVEL: FABIO POLETO	ENDREI E LETÍCIA _____ 4
MONTAGEM DO FANZINE: JEAN PIERRE CORREUIL	BRUNO, JUDAN E RAFAEL _____ 5
DIRETORA ESCOLA: ELI VIANNA	FABIANO, GIOVANNÉ E JOSÉ _____ 7
	RAYANA FARIAS PAZ _____ 8
	AMANDA, FERNANDA E NATÁLIA _____ 9
	AGRADECIMENTOS _____ 10

Prof. Lily

Nossa escola tem um fanzine: o JORNAL COM A NOSSA CARA.

E É ESTA A CARA QUE QUEREMOS MOSTRAR PARA A COMUNIDADE ESCOLAR: UMA ESCOLA ALEGRE, ACOLHEDORA, CHEIA DE NOVIDADES, MAS TAMBÉM COM REGRAS E DISCIPLINA.

QUEREMOS PROPORCIONAR AOS ALUNOS MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO, APRENDIZADO E AMIZADE PARA QUE POSSAMOS CONVIVER EM HARMONIA.

UM GRANDE BEIJO!

1

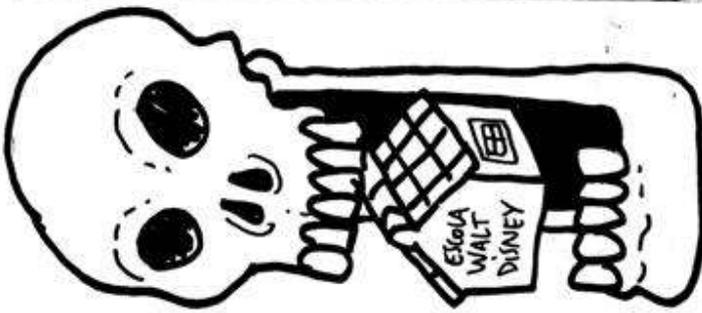
O FIM DA ESCOLA?!?

RAP ♪ Por HENRIQUE E LEANDRO

2

AGORA EU VOU CONTAR UMA HISTÓRIA REAL: EU JÁ ESTUDEI EM UMA ESCOLA PARA NORMAL! TUDO ERA FEIO, TUDO ERA PIXADO, TINHA ALUNO QUE ESTUDAVA LÁ E ERA DESCONTROADO. A GENTE PRECISA CUIDAR DA ESCOLA NÃO ACABAR

2



PROBLEMAS NA NOSSA ESCOLA:

➔ POR WELLINGTON DOS SANTOS



A limpeza da escola é muito ruim!

Os bebedouros além de não funcionarem são sujos, as sala de aula estão sempre cheias de poeira. Os banheiros tem portas meio quebradas, os vasos sem tampa, sujos, e os professores (as) dizem que os alunos que estragam tudo, a maioria, mas tem coisas que é da escola mesmo, como:

Os vasos estão sujos de pó e barro, o chão não tem como não sujar mais, limpam ele muito mal, o pátio é muito sujo, cheio de folhas e pinhas, bem que poderiam contratar alguém para se, bem cedo, antes de cada aula para varrer aquelas folhas, no patiazinho que tem na frente da secretaria, onde estão os brinquedos da velha praçinha, está cheio de mato e se alguma criança pequena vai pra lá, pode se cortar aqueles dentes todos enferrujados e pagar lá fora. As paredes e os portões são pintados e os ambientes com umpinhas mofadas. As portas estão tortas e um dos alunos já se cortou como suporta turma 5A.

3

Após observarmos a escola nossa equipe do jornaleiro reparou que nossa escola precisa de alguns reparos.

Por exemplo:

Arfetes danificados, Banheiros pintados e entupidos, e o falta de papel higiênico, bebedouros estragados, lixo no chão, chão danificados,

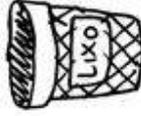
concreta esburacado, parte dos pichados,

barcos estragados, paredes estragadas,

adesivos na parede, buíros entupidos,

fios e o caixa da rede elétrica espantos,

Portas danificadas.



E você aluno, você colabora com o nossa escola? Se todos colaborassem com nossa escola ela não estaria assim como está.



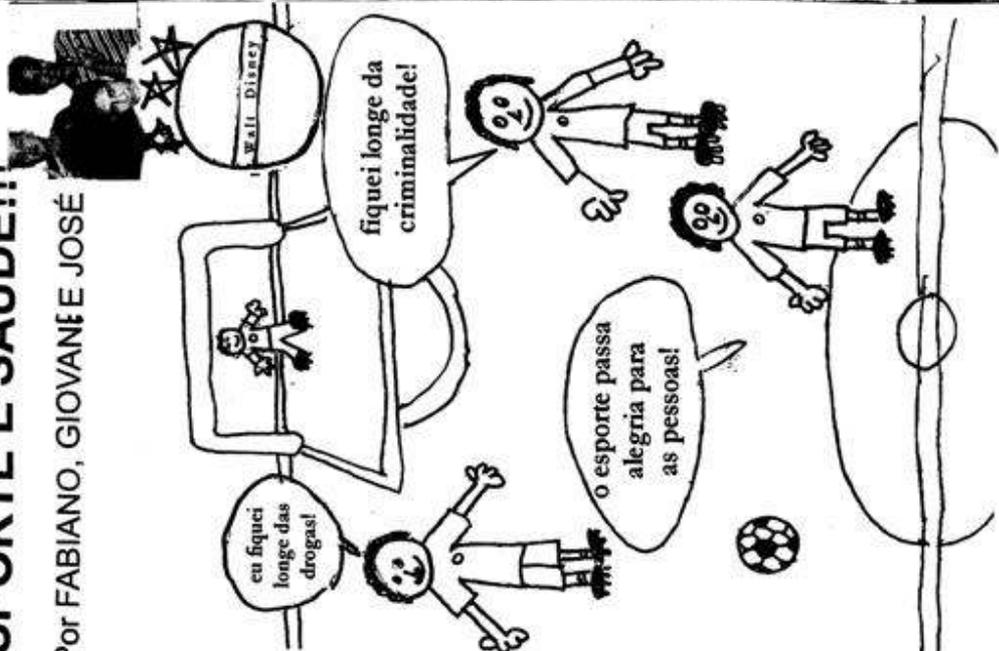
POR ENDRES E LETÍCIA

4

ANEXO E - Páginas 6 e 7 do Fanzine

ESPORTE É SAÚDE!!!

Por FABIANO, GIOVANE JOSÉ

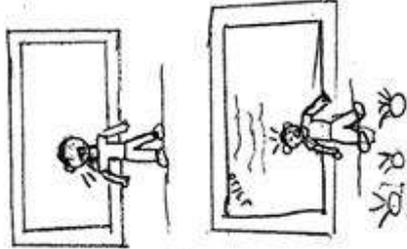


7

O PROFESSOR FÁBIO DE GEOGRAFIA

Por Rayana Farias Paz

O professor Fábio chega na aula e conversa um pouco com a gente, para depois passar sua matéria, que é geografia. Só que quando ele vai passar sua matéria e tem gente conversando, ele sai um pouco do sério... Dai ele tem que parar a aula para xingar quem está incomodando, e por isso ele deixa às vezes de passar uma coisa bem legal.



Mas se está todo mundo comportado, ele faz coisas legais com a gente!



Será que todo mundo já percebeu que quando a gente incomoda a aula não fica a mesma?

8

ANEXO F - Páginas 8 e 9 do Fanzine

AGRADECIMENTOS:

"AGRADEÇO AO PROFESSOR FÁBIO, PELO CONVITE, À DIREÇÃO, PELA ACOLHIDA, E PRINCIPALMENTE AOS ALUNOS, PELO RESULTADO. ESPERO QUE ESTE SEJA APENAS O PRIMEIRO DE MUITOS OUTROS FANZINES."

JEAN PIERRE COLLEVIL
(PROFESSOR DO CURSO DE FANZINE)

"PARA OS ALUNOS QUE PARTICIPARAM, PARABÉNS. PARA OS ALUNOS QUE GOSTARAM, OBRIGADO. E PARA OS ALUNOS QUE NÃO GOSTARAM DESSE FANZINE, CONVIDAMOS A FAZER OUTROS COM A SUA CASA."

FÁBIO POLETTO
(PROFESSOR DE GEOGRAFIA)

ANUNCIE AQUI

E AFOIE ESTA INICIATIVA!!

QUESTIONÁRIO...

Por AMANDA, FERNANDA E NATÁLIA



- 1 - Você gostaria que o recreio fosse maior ou não? Por que?
Sim, porque a gente teria oportunidade de conhecer pessoas novas.
- 2 - Qual é o momento da aula que você mais gosta? Por que?
A teoria, porque a gente descobre o passado.
- 3 - Qual é o lanche que você gostaria que a escola oferecesse?
Cachorro-quente, empada e suco.
- 4 - Escreva explicando sobre um fato na escola que chamou a sua atenção.
A falta de limpeza nos banheiros.
- 5 - Qual a música que você gostaria que tocasse no recreio?
Quanto.
- 6 - Você sente medo da escola em algum momento? Quando ou em qual situação?
Não, porque a escola é um lugar para aprender.
- 7 - Defina a escola em uma palavra de sua escolha, pode ser qualquer palavra.
Harmoniosa.
- 8 - Explique porque você pensou nessa palavra para definir a escola.
Por que a escola é legal + divertido.
- 9 - Escreva alguma coisa sobre nossa escola que você nunca pode dizer a ninguém.
POBRESIMOS FAZEM BOMBE A LIMPEZA DA ESCOLA. MAS HOJE NÃO VAMOS BUSCARMOS FAZER DE OUTRO ALIQUANTO. QUANDO CHEGAMOS NA ESCOLA POBRESIMOS NOTAM QUE A PORTA DO JARDIM ESTÁ FECHADA PARA OS ALUNOS. EM DIAS DE CHUVA, NOS PERDEMOS QUE É A ÚNICA QUE ESTÁ ABERTA, PORQUE CERRAMOS, MAS É ALGUNS ALUNOS SE MOLHANDO!





9